



XVI Encontro de Extensão Universitária da Universidade Federal de Campina Grande.
Os desafios da Extensão Brasileira frente à curricularização e às mudanças paradigmáticas.
De 07 a 08 de março de 2023. Cajazeiras, PB – Brasil.

LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA: PRÁTICAS INOVADORAS DE LINGUAGEM

Áurea Nascimento Barreto da Silva¹, Ana Júlia Martins², Fernanda da Silva Costa³, Gabrielle Alves de Sousa⁴, Ruth Lins da Silva⁵, Walberto Barbosa da Silva⁶, Mônica Martins Negreiros⁷
monica.martins@professor.ufcg.edu.br e walberto.barbosa@professor.ufcg.edu.br

Resumo

Este trabalho apresenta o registro de vivências por meio da execução do projeto de extensão em duas escolas públicas de ensino fundamental do município de Sumé-PB. A proposta teve como objetivo geral trabalhar com as práticas de leitura e escrita, fundamentadas na diversidade dos gêneros textuais, que circunda o cotidiano dos discentes, tendo papel primordial na formação do cidadão crítico, sujeito leitor e produtor de textos, já que por meio desses gêneros a linguagem é exercida em sua função social. Para tanto, realizamos um trabalho no formato de oficinas de leitura e produção textual. Vale ressaltar que, quando se propõe o trabalho com práticas inovadoras de linguagem, pensamos em atividades contextualizadas e significativas para o aluno, que possam contribuir para o incentivo à leitura, e formação de um público leitor. Procuramos também “(re)orientar”, na medida do possível, a prática docente nesse trabalho em sala de aula, contribuindo ainda para a formação do educando na aquisição de habilidades necessárias ao exercício proficiente destas práticas de linguagem enquanto instrumento de mobilidade social e de cidadania.

Palavras-chaves: *Leitura, Escrita Gêneros textuais e Oficinas.*

¹ Estudante de Graduação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, UFCG, Campus Sumé, PB. Brasil.

² Estudante de Graduação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, UFCG, Campus Sumé, PB. Brasil.

³ Estudante de Graduação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, UFCG, Campus Sumé, PB. Brasil.

⁴ Estudante de Graduação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, UFCG, Campus Sumé, PB. Brasil.

⁵ Estudante de Graduação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, UFCG, Campus Sumé, PB. Brasil.

⁶ Orientador, Professor, UFCG, Campus Sumé, PB. Brasil.

⁷ Coordenadora, Professora, UFCG, Campus Sumé, PB. Brasil.

1. Introdução

Este Projeto visou promover o conhecimento e a experimentação de processos de leitura e escrita por meio de práticas inovadoras de linguagem, bem como formas de registro, produção e consumo do texto que empoderam o educador e o educando para uma prática de linguagem transformadora do mundo, no contexto das escolas públicas de ensino fundamental, do município de Sumé-PB.

Um dos procedimentos utilizados foi propiciar a formação do professor, através de estudos, pesquisas de campo, elaboração de material teórico e didático, além da realização de oficinas de leitura e produção textual nas escolas parceiras deste projeto, objetivando, com isso, preparar o docente para desenvolver o trabalho com essas práticas de linguagem em sala de aula.

As ações extensionistas realizadas neste Projeto fundamentaram suas práticas à luz de evidências com relação às deficiências no ensino de Língua Portuguesa, apresentadas ao longo de todo o processo de escolaridade, principalmente, no que diz respeito às atividades com a leitura e escrita. Segundo alguns autores, a exemplo de Antunes (2007) [1], Bagno (2002) [2], Bagno, (2009) [3], Geraldi (2003) [4], Kleiman (2001) [5], Mattêncio (1994) [6], Possenti (1999) [7], Rojo (2001) [8], Rojo (2004) [9], Rojo e Moura (2012) [10], e Travaglia (2011) [11], o fracasso escolar e a falta de habilidades específicas para um bom desempenho nessas atividades da linguagem perpassam todo o processo de escolaridade (ensino fundamental e médio) chegando até os muros das universidades.

Como recorte dessa problemática e, aproximando mais da realidade na qual atuamos, convém destacar, com base nos resultados da Prova Brasil 2015, que o percentual de alunos de escolas da rede pública de ensino de Sumé que não teve aprendizado adequado na competência de leitura e interpretação de textos até o 5º ano é de 63%, e até o 9º ano sobe para 82%. Essa pesquisa revela dados preocupantes que nos levaram a desenvolver um trabalho no campo da leitura e da escrita nas escolas desse Município, na tentativa de poder contribuir para a redução desses índices.

Parafraseando Geraldi (2003) [4], poderíamos constatar que a escola tem negado ao aluno “o direito à palavra escrita”, e, por que não acrescentar o direito à palavra lida, tendo em vista que pouco tempo na escola é reservado ao trabalho com a leitura, estando essas duas práticas, obviamente, inter-relacionadas. Como consequência, a escola não contribui para a formação de leitores-escretores, e o ensino é fadado ao fracasso, uma vez que os alunos não desenvolvem habilidades mínimas para o uso efetivo da língua. O que ocorre, no dizer de Travaglia (2011) [11], é que a escola priva o aluno do direito a uma “boa educação linguística”. Tendo em conta que este cenário é representativo de muitos outros espalhados pelo país, esperamos que os resultados deste trabalho a médio e longo prazo sejam profícuos em futuras etapas de expansão deste projeto.

A fim de explicitar a defasagem na prática leitora e a problemática que envolve a formação de leitores na escola e fora dela, trouxemos alguns dados coletados

por uma pesquisa realizada pela Agência Brasil⁸, no intuito também de respaldar a necessidade de se desenvolver este projeto de extensão nesta área de conhecimento. A pesquisa aponta que, em quatro anos, o Brasil perdeu 4,6 milhões de leitores, ou seja, entre os anos de 2015 a 2019, a porcentagem de leitores no Brasil caiu de 56% para 52%. Nesta pesquisa constatou-se também que: “os não leitores, ou seja, brasileiros com mais de 05 anos que não leram nenhum livro, nem mesmo em parte, nos últimos três meses de 2019, representam 48% da população, o equivalente a cerca de 93 milhões de um total de 193 milhões de brasileiros”.

Um aspecto significativo destacado na referida pesquisa é quanto ao incentivo à leitura, ou seja, a cada três pessoas entrevistadas, o equivalente a 34%, disseram que alguém as estimulou a gostar de ler. Entre os que incentivavam e influenciavam na leitura, os professores representaram 11%; em segundo lugar, ficou a figura feminina, sendo mãe ou responsável, correspondendo a 8%; e, em terceiro lugar, a figura paterna ou responsável, conforme 4% dos entrevistados. Nota-se com isso que é imprescindível a figura do mediador que motive a prática de leitura, em casa, na família. Além disso, é preciso considerar também a importância da escola - na figura do professor(a) - de se tornar mediador(a) em torno desse processo.

Diante desse quadro, pesquisadores e estudiosos da área, dentre eles, Antunes (2007) [1], Casseb-Galvão e Neves (2017) [12], Chiappini (2004) [13], Cosson (2016) [14], Dionísio, Machado e Bezerra (2002) [15], Elias (2011) [16], Fávero e Andrade (2007) [17], Koch e Elias (2012) [18], Marcuschi e Xavier (2004) [19], Marcuschi e Xavier (2005) [20], Marcuschi (2008) [21], Rojo (2001) [8], Rojo (2004) [9], Rojo e Barbosa (2015) [22], Rojo e Moura (2012) [10], apontam para o uso e criação de novas estratégias metodológicas para o trabalho com essas linguagens, evidenciando o uso dos gêneros textuais, de forma contextualizada e criativa, a fim de proporcionar ao aluno um trabalho significativo nesse campo.

Acreditamos, pois, como também enfatizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) [23], e, atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (2018) [24], que a discussão e a pesquisa sobre os gêneros textuais poderão trazer importantes contribuições para a mudança da forma de tratamento da produção textual e da leitura na escola. Convém destacar, conforme Rojo (2001) [8], que o trabalho com o gênero na sala de aula deve ser norteado por objetivos precisos de aprendizagem: levar o aluno a dominar o gênero para melhor compreendê-lo, produzi-lo na escola ou fora

⁸ Os dados fazem parte da pesquisa: “Retratos da Leitura no Brasil”: TOKARNIA, Mariana. **Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos.** (Agência Brasil, 2020). Esses dados foram coletados pela 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró Livro em parceria com o Itaú Cultural. Para tanto, foram feitas 8.076 entrevistas, em 208 municípios, entre outubro de 2019 e janeiro de 2020. A coleta de dados foi encomendada ao Ibope Inteligência. A pesquisa foi feita antes da pandemia, ocasionada pelo novo Coronavírus, não refletindo, portanto, os impactos da emergência sanitária na leitura no país.

dela; para desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e são transferíveis para outros gêneros próximos ou distantes.

Segundo a autora, as atividades de produção textual precisam fazer sentido para os alunos. Devem estar o mais próximo possível de situações verdadeiras para que possam conhecê-las como realmente são. Além disso, o aluno precisa ter o que dizer. De acordo com Antunes (2007) [1]: “*ter o que dizer*” é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever” (p.45), ou seja, ter ideias, informações, conhecimento a respeito do tema/assunto sobre o qual se vai escrever. É imprescindível também saber para quem se vai escrever, com que intenção, objetivo, finalidade, dentre outros aspectos.

Nesta direção, é preciso trazer para dentro da sala de aula as práticas cotidianas, as situações reais de comunicação, que mobilizem no aluno o desejo e a necessidade de participar e de se fazer presente por meio da leitura e da escrita. Por isso, faz-se necessária a adoção de uma abordagem inovadora em que ler e escrever sejam concebidas e experimentadas como práticas sociais vivas e renovadas pelo fazer dos sujeitos em múltiplas interações, com o outro, com o mundo e com si mesmo. Ou seja, de uma perspectiva em que o conceito de texto se estenda para além dos limites do verbal e da escrita impressa, gráfica e convencional do código linguístico, compreendendo-se a leitura no contexto das práticas comunicativas que, produzidas socialmente, envolvem uma diversidade notável de agentes (ou atores, isto é, que realizam uma ação) que se relacionam mutuamente em incessante e transformadora troca de informações e de representações culturais acerca do(s) (seus) mundo(s).

É pertinente levar em consideração, em primeiro plano, que a leitura é possível de ser trabalhada; não ensinada (ORLANDI, 1999) [25]. A mesma ideia é partilhada por Antunes (2007) [1], quando se refere ao trabalho com a leitura e com a escrita, e trata da revisão de concepções acerca do ensino de Língua Portuguesa. Se considerarmos essas atividades como trabalho, será preciso empreender um esforço na aquisição de habilidades necessárias ao exercício proficiente dessas modalidades. E, como executar esse trabalho? Proporcionando atividades de leitura e escrita em sala de aula, práticas ainda muito ausentes ou insuficientes no currículo escolar.

A esse respeito, Cafiero (2010) [26], destaca que, nas aulas tradicionais de Língua portuguesa, nos anos finais do ensino fundamental, o tempo destinado para leitura é mínimo, além de que os textos são planejados para o aluno ler por ler, ou para responder posteriormente a questionários repetitivos, que servem apenas para comprovar que o texto foi lido. Ele destaca ainda que, nas situações do cotidiano, lemos para responder às nossas perguntas, anseios, para satisfazer as nossas curiosidades em relação aos assuntos. Podemos acrescentar que lemos também para obtermos informação, conhecimento, lemos por entretenimento, lazer etc. Ainda segundo o autor: “ler, portanto, pressupõe objetivos bem definidos. E esses objetivos são do próprio leitor (...) São objetivos que vão se

modificando à medida que lemos o texto” (CAFIERO, 2010, p.87) [26].

Em outro plano, a leitura deve ser concebida como um processo de interlocução entre autor/texto/leitor, e não como decodificação linear dos elementos gráficos do texto. Tal abordagem, conhecida teoricamente como sociointerativa, (KOCH, 1992) [27], em que ler é um ato que se realiza como processo de interação entre estas três instâncias, a saber: (1) quem escreve o texto, (2) o texto propriamente dito em sua materialidade simbólica construída por palavras, imagens, sons, cores, formas, gestos, movimentos etc., e (3) quem lê o texto, leva-nos à percepção de que todo leitor é também autor.

Com isso, podemos afirmar que, diante do texto, o leitor é ativo tanto quanto o escritor, ou seja, quem lê e quem escreve não apenas produzem sentidos, mas também reproduzem ou os transforma. Portanto, a leitura e a escrita são processos de instauração de sentidos, reprodução ou transformação destes. Nessas atividades de linguagem são estabelecidas entre os sujeitos não só relações linguísticas, mas históricas, sociais, ideológicas. Quando lemos, lemos as entrelinhas, os implícitos, fazemos deduções, inferências. O leitor eficiente é aquele que vai além das informações superficiais do texto, ultrapassando os elementos linguísticos, percebendo as informações extralinguísticas, fazendo projeções, levantando conjecturas a partir das pistas deixadas ao longo do texto pelo escritor. O leitor proficiente é aquele que desvenda os mistérios das palavras, que cria, recria, “inventa” e “reinventa” os sentidos do texto.

Sem a pretensão de sanar toda a problemática que envolve a falta de proficiência nas atividades de linguagens (leitura e escrita) e a dificuldade com o manejo da língua, ambas atestadas em exames vestibulares e provas que medem índices de desenvolvimento educacional, procuramos desenvolver um trabalho voltado para as práticas de leitura e escrita, fundamentadas na diversidade dos gêneros textuais, que permeava o cotidiano dos discentes, no intuito de estimular o gosto pela leitura, contribuindo, assim, para a formação de um público leitor.

Convém ressaltar que a temática do Projeto também contemplava os gêneros digitais, tendo em vista a dimensão ocupada, atualmente, pelo ambiente virtual e pelas ferramentas digitais presentes na internet, consideradas como aliadas na aquisição de habilidades de leitura e escrita na sala de aula. Entretanto, não conseguimos avançar muito nesse campo, em vista do período curto de duração do Projeto, que, muitas vezes, também se chocava com as atividades letivas já previstas no calendário escolar, ou se restringia devido à suspensão de aulas, motivada por fatores diversos (jogos da Copa do Mundo, eleições etc.). Com isso, vislumbramos uma possível renovação do Projeto, a fim de darmos andamento às atividades que ficaram pendentes, nas duas escolas.

Em linhas gerais, o trabalho consistiu em apresentar para o aluno gêneros textuais diversificados, encontrados ou não no livro didático adotado pela escola. O gênero em questão era estudado em suas características e estrutura, de modo a levar o aluno a ser

capaz de produzi-lo, individualmente, ou em grupo. Em outra etapa das atividades, os resultados eram socializados para o grupo em forma de exposição oral, visual, declamação, encenação etc., dependendo da peculiaridade do gênero trabalhado.

Ao longo da execução do Projeto foram realizadas atividades diferenciadas como: visita à biblioteca para escolha do livro a ser lido, participação dos alunos nas oficinas promovidas pela equipe do projeto (realizando atividades no campo da leitura, escrita e oralidade), confecção de material de apoio para a realização do trabalho com as fábulas, contos, lendas, exibição de documentários, filmes, montagem de painel / mural / caderno, contendo as produções textuais dos discentes, dentre outras atividades.

2. Metodologia

Como caminho metodológico, recorremos à metodologia da dialogicidade preconizada por Freire (1979) [28], segundo a qual, “quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com o seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias”.

Em alguns momentos recorremos, também, às estratégias da Pesquisa-Ação, estabelecidas por Thiollent (2009) [29], pelo fato de nossa ação estar fundamentada no desenvolvimento de ações em parceria com os demais sujeitos envolvidos (alunos de graduação, discentes e professores do Ensino Fundamental). É importante frisar que a Pesquisa-Ação “é uma estratégia metodológica da pesquisa social na qual há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada” (THIOLLENT, 2009, p. 18) [29]. Acreditamos, portanto, que esse procedimento possibilitou uma maior aproximação com o problema a ser superado. Para isto, demandou a necessidade de se definir precisamente a ação e os agentes envolvidos, observando os objetivos a serem alcançados e os desafios a serem superados na busca por tais objetivos.

A metodologia utilizada neste projeto incluiu também a seleção de gêneros textuais contemplados nos livros didáticos e paradidáticos utilizados nas escolas parceiras, com a participação de alunas (Bolsistas e Voluntárias) do Curso de Licenciatura em Educação do Campo do CDSA-UFCG. Durante o percurso metodológico foi necessário utilizar a estratégia de observação relativa à rotina pedagógica para compreender como se realizava o trabalho com essas práticas de leitura e escrita no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa.

Para além dessas ações também foram desenvolvidas palestras e oficinas relacionadas ao trabalho com os gêneros textuais com o corpo de professores e demais integrantes da comunidade escolar, vislumbrando a melhoria da prática pedagógica e contribuindo para a formação de leitores e escritores críticos e criativos.

Como estratégia metodológica, procedemos ainda à investigação das práticas sociais de leitura e escrita

adotadas no universo cotidiano dos alunos das duas escolas parceiras deste projeto, além da realização de pesquisa bibliográfica e de campo sobre os gêneros textuais, e as práticas de linguagem: leitura e escrita.

A partir da utilização dos gêneros textuais de forma efetiva, a exemplo de fábulas, lendas, contos, romances, músicas etc., foram desenvolvidas atividades diversificadas no formato de oficinas, como: dramatização de cenas; descrição de cenas e personagens; recontação de histórias de forma individual e coletiva; leitura de fábulas para a recriação do final (moral da história); leitura e releituras de lendas (criação de personagens), entre outras atividades. Em todas as etapas privilegiávamos o trabalho com as quatro habilidades da linguagem: ler, escrever, falar e ouvir, promovendo o exercício da linguagem em sua potencialidade.

Dentre as atividades propostas, realizamos, ainda, visitas às bibliotecas das escolas para escolha de livros a serem trabalhados, a fim de que os discentes pudessem observar também aspectos relacionados à organização do espaço, do acervo, funcionamento do ambiente, na tentativa de contribuir também para a formação de hábitos e valores ligados ao uso desse espaço público, com respeito e zelo. Listamos abaixo algumas atividades desenvolvidas com os gêneros textuais nas turmas de 6º ao 9º ano nas referidas escolas:

-Apresentação do gênero fábula, (estrutura, características); leitura e releitura de fábulas clássicas; criação da moral para as fábulas, a partir de leituras subjetivas de forma contextualizada com o cotidiano dos discentes; criação e confecção das personagens das fábulas, na forma de bonecos para encenação teatral, utilizando-se para isso materiais recicláveis, a exemplo de jornais, papelão, tintas, algodão, entre outros, bem como para a criação do cenário. A finalização dessa atividade resultou na apresentação do teatro de fábulas, utilizando como base as narrativas lidas pelos alunos, pelo que se pôde desenvolver com improvisos e ressignificações das histórias.

-Apresentação da estrutura do gênero lenda, utilizando como suporte materiais didáticos, com a finalidade de conhecer as características e finalidades desse gênero textual; apresentação de uma lenda regional através do recurso de vídeo e, em seguida, a construção de uma narrativa escrita, baseada na lenda proposta, de maneira coletiva e criativa; elaboração de lendas a partir de objetos do cotidiano dos alunos, a exemplo de livros, utensílios domésticos, instrumentos musicais etc., no intuito de estimular a criatividade na elaboração de narrativas imaginárias e ficcionais; releituras de lendas.

Na sequência, seguem algumas atividades desenvolvidas com os gêneros textuais nas turmas de EJA E EDUCARE:

-Apresentação do gênero conto para aprendizagem da estrutura e suas características, bem como sua historicidade enquanto narrativa, utilizando-se para isso livros didáticos e outros materiais de pesquisa; leitura e interpretação de forma coletiva de um miniconto (reflexão e debate com os alunos); adaptações e releituras a partir de um miniconto, objetivando ressignificar e mudar o enredo e personagens da história

(criação dos alunos de forma coletiva); criação e confecção das personagens dos contos, na forma de bonecos para encenação teatral, utilizando-se para isso materiais recicláveis, a exemplo de jornais, papelão, tintas, algodão, entre outros, bem como para a criação do cenário; apresentação do teatro de contos, utilizando como base as narrativas lidas pelos alunos, pelo que se pôde desenvolver com improvisos e ressignificações das histórias.

-Exibição de filmes, adaptados a partir de literaturas fantásticas, e leituras das obras na versão escrita, a exemplo de: Malévola, Branca de Neve e o Caçador, Romeu e Julieta. Realizamos também, com os discentes, rodas de conversa sobre questões de adaptação da linguagem literária para a cinematográfica, destacando elementos como tradução, fidelidade ao enredo, caracterização das personagens, entre outros.

Convém destacar que algumas atividades foram realizadas com todas as turmas envolvidas do Projeto como, por exemplo, exibição de clipes musicais, envolvendo letras de músicas; discussão sobre o assunto (conteúdo, tema da música); releituras das letras de músicas em equipe, resultando na elaboração de paródias musicais; apresentação dos resultados em equipe.

3. Resultados e Discussões

Podemos afirmar que a participação no Projeto contribuiu de modo significativo para a formação acadêmica e profissional das integrantes da equipe do projeto (Extensionistas Bolsistas e Voluntárias), no sentido de que foi possível vivenciar aspectos relacionados ao processo de ensino-aprendizagem em duas escolas, oportunizando aproximar a teoria da prática, e a universidade da comunidade escolar.

Convém, nesse momento, registrar a importância na execução de ações extensionistas, que ampliam os horizontes de perspectivas para melhoria na qualidade de vida, seja do ponto de vista da educação (comunidade escolar, corpo docente e discente), ou da formação de futuros profissionais da educação (alunas do curso de Licenciatura em Educação do Campo - CDSA/UFCG - Bolsistas e Voluntárias -, integrantes da equipe do projeto), contribuindo para o aprimoramento da prática pedagógica e desenvolvimento de estratégias metodológicas.

Assim, por meio dessa experiência com a extensão universitária foi possível dialogar e interagir com a comunidade escolar para além da universidade, o que proporcionou, de forma desafiadora, a troca de saberes entre esses dois espaços institucionais.

Além disso, em meio a essas vivências, oportunizadas pelas ações extensionistas deste projeto, foi possível ampliar a capacidade crítica e reflexiva sobre o trabalho com a educação linguística, na sala de aula, principalmente, no que concerne às atividades de linguagem (leitura e escrita) que rodeiam o cotidiano escolar. Ao término de cada atividade fazíamos uma roda de conversa para avaliarmos o trabalho, refletindo sobre o que poderia ser modificado, retirado e/ou acrescentado. Os alunos davam sugestões sobre temas,

filmes, gêneros literários a serem lidos, ou seja, procurávamos não fazer um trabalho impositivo, na tentativa de podermos despertar o gosto pela leitura, um de nossos principais objetivos. Tudo girava em torno de um ambiente de troca de saberes e de sabores subsidiados pelas atividades de linguagem. Sempre combinávamos previamente com a professora regente de turma acerca do que íamos desenvolver em sala de aula ou nas oficinas, a fim de não interferirmos na rotina pedagógica de modo negativo.

Importa ressaltar que trabalhamos com 300 (trezentos) discentes de um total de 422 (quatrocentos e vinte e dois), abrangendo turmas de 6º. ao 9º. ano, turmas de EJA (1º e 2º. Ciclos) e EDUCARE (1º. e 2º. Ciclos); 10 (dez) docentes de um total de 18 (dezoito); 5 (cinco) alunas do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, sendo duas bolsistas e três voluntárias, da UFCG, Campus de Sumé-PB, além de três docentes desta mesma instituição. É oportuno informar que as turmas de EJA e EDUCARE são formadas por discentes que estão fora da faixa etária, ou com histórico de repetência, e dificuldades de aprendizagem.

Ademais, embora não tenhamos utilizado instrumentos de aferição para avaliarmos com precisão a execução da proposta, ou seja, aplicação de questionários, realização de entrevista, tabulação de dados etc., consideramos os resultados satisfatórios ao percebermos por meio da observação direta o envolvimento de toda a equipe pedagógica, do corpo docente e discente da escola. Constatamos também maior interesse por parte dos alunos nas atividades ligadas ao campo da leitura e da escrita, interesse atestado pela direção da escola e professores em um dos nossos encontros para avaliação da execução do projeto, bem como pelas listas de frequência nas oficinas.

Neste sentido, foi um trabalho desenvolvido com muita responsabilidade, dedicação e compromisso, considerando sempre a realidade e as necessidades de cada escola e turma, na tentativa de contribuir para o desenvolvimento de habilidades específicas necessárias a um bom desempenho nas atividades de escrita e leitura, e, principalmente, estimular o gosto pela leitura, possibilitando a formação de um público leitor.

4. Conclusões

O objetivo deste projeto, de modo geral, foi desenvolver práticas de leitura e escrita inovadoras, bem como apresentar propostas que pudessem auxiliar na melhoria dessas práticas, com o uso efetivo dos gêneros textuais em sala de aula. Para tanto, procedemos à seleção de gêneros textuais (charges, tiras, entrevistas, poemas, notícias, crônicas, contos, receitas, dentre outros) contemplados nos livros didáticos e paradidáticos utilizados em sala de aula para que servissem como materiais para as oficinas. Fizemos também um levantamento juntos aos discentes das escolas sobre o acesso a redes sociais e sobre os gêneros digitais mais utilizados por eles, no intuito de descrever as diversas práticas sociais de leitura e escrita vigentes no universo cotidiano dos alunos do Ensino Fundamental atores sociais deste Projeto.

Outra ação realizada no decorrer da execução desta proposta extensionista foi a pesquisa bibliográfica e de campo sobre novas abordagens de práticas de leitura e de escrita vivenciadas na contemporaneidade, e sobre os desafios dos professores em relação ao trabalho com estas práticas de linguagem.

No âmbito das oficinas, realizamos o trabalho com lendas, fábulas, contos, músicas, apresentando as características desses gêneros, e estimulando a produção individual ou coletiva. Para isso, fizemos uso de recursos audiovisuais, como vídeos, documentários (curtas-metragens), exibição de cliques de músicas além de textos impressos, a fim de mostrarmos as diferentes nuances existentes entre essas linguagens. Importa destacar que as oficinas eram previamente planejadas e preparadas pela equipe do projeto (Coordenadora, Colaboradores, Bolsistas, Voluntárias), com orientações e acompanhamento de todo processo.

Efetuamos também o trabalho envolvendo a elaboração de paródias musicais, no intuito de trabalhar aspectos ligados ao preconceito, ao respeito e ao senso crítico. Desenvolvemos ainda atividades com o gênero fábula, a exemplo de uma, que na sua lição de moral colocava a importância do trabalho em equipe em prol de uma causa maior, e na resolução de problemas. Nessa oportunidade, os alunos se depararam com o desafio de pensar em uma problemática que os afetavam diariamente, seja em casa, na escola, no seu bairro ou até mesmo no país.

Além do trabalho com os gêneros textuais, observando-se as dificuldades na leitura e escrita, foram disponibilizados para os alunos fragmentos de textos para que mudassem o desfecho da história, ou criassem um início para o enredo, exercitando, assim, a leitura, escrita e a criatividade para se produzir.

Dentre os objetivos propostos, analisamos também o rendimento escolar dos alunos desde o início da execução do Projeto até o término das atividades, entretanto, não coletamos dados suficientes para uma avaliação precisa acerca do crescimento ou não no rendimento escolar, tendo em vista que o tempo de atuação do projeto perdurou apenas por dois bimestres letivos aproximadamente. Ainda assim, podemos considerar os resultados da execução do projeto satisfatórios devido ao interesse e empenho demonstrados pelos alunos no desenvolvimento das atividades propostas, tanto na sala de aula, como nas oficinas, o que serviu, também, para avaliarmos um de nossos objetivos que era estimular o gosto pela leitura, contribuindo para a formação de um público leitor.

Como meta do projeto, promovemos ainda alguns encontros com o corpo docente e a equipe pedagógica das duas escolas, para discussão sobre questões relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa, principalmente, no que concerne ao trabalho com as práticas de leitura e escrita em sala de aula.

Por fim, procuramos estimular os docentes destas Instituições a dar continuidade ao trabalho no formato de oficinas, mostrando como o trabalho com a leitura e a escrita pode ser prazeroso, considerando que essas atividades de linguagem permeiam o nosso cotidiano, indo além da sala de aula e dos muros da escola.

A intenção principal deste projeto foi contribuir para a melhoria do ensino no campo das práticas de leitura e de escrita, nas duas escolas públicas parceiras de nossa proposta, atuando, para isso, diretamente, na sala de aula em turmas do Ensino Fundamental. Vale ressaltar que, muito ainda pode ser feito para amenizar as dificuldades no desenrolar dos processos de leitura e escrita, esta foi apenas uma tentativa de contribuir para tornar este trabalho, no ambiente escolar, mais motivador e criativo, estimulando o gosto pela leitura, um dos principais objetivos de nosso projeto.

Convém considerar ainda que nem a leitura nem a escrita se esgotam no espaço escolar, são atividades que permeiam o mundo a nossa volta, o cotidiano, as interações humanas. Por isso, é importante mostrar ao aluno as funções sociais dessas atividades e a necessidade de domínio dessas práticas como instrumento de mobilidade social e de cidadania. Nesta perspectiva, em relação ao trabalho com as práticas de leitura e escrita, não se justifica, manter um ensino ligado a atividades tradicionais e descontextualizadas, distantes da realidade e das necessidades dos discentes.

Com isso, esperamos que as atividades de leitura e escrita criativas, inovadoras, contextualizadas e pautadas na realidade desse universo e nas necessidades reais do mundo “lá fora”, ou seja, fora dos muros da sala de aula e da escola, possam contribuir para a formação do sujeito-leitor-escritor crítico, bem como para a aquisição de habilidades necessárias ao exercício proficiente destas práticas de linguagem enquanto instrumento de mobilidade social e de cidadania.

Importa considerar que a execução de projetos que correspondam às necessidades da sociedade, dentro da esfera da linguagem, do ensino de língua materna e das práticas cotidianas de linguagem na escola – ler, escrever, falar e ouvir – coaduna-se com a tríade ensino, pesquisa e extensão que movem as ações de uma Universidade Pública, no contexto atual.

Por último, vale salientar ainda que uma educação linguística de qualidade é um direito de todos, e que esta questão está diretamente relacionada a um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030: “Educação de qualidade”, que pautamos nas ações desenvolvidas neste projeto. Assim, só por meio de uma educação de qualidade, que deve ser assegurada para todos, podemos vislumbrar uma qualidade de vida, e a igualdade de oportunidades na sociedade.

5. Referências

- [1] ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- [2] BAGNO, Marcos.; STUBBS, Michael.; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.
- [3] BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- [4] GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- [5] KLEIMAN, Ângela. **Leitura, ensino e pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Pontes, 2001.
- [6] MATTENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola**. 2 ed. Campinas – São Paulo: Mercado de Letras, 1994.
- [7] POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- [8] ROJO, R. H. R.; BRAIT, B. **Gêneros**: Artimanhas do texto e do discurso. São Paulo: Pueri Domus, 2001. v. 1. 32 p.
- [9] ROJO, R. H. R. (Org.); CORDEIRO, G. S. (Org.); SCHNEUWLY, B. (Org.); DOLZ, J. (Org.). **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. Tradução de trabalhos de Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e colaboradores. Campinas: Mercado de Letras, 2004. v. 1. 278 p.
- [10] ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- [11] TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática ensino plural**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- [12] CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria Helena de Moura. (Orgs.) **O todo da língua**: teoria e prática do ensino de português. 1 ed.- São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- [13] CHIAPPINI, Lígia (Coord. Geral). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- [14] COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2016.
- [15] DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel et. al. **Gêneros textuais & ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- [16] ELIAS, Vanda Maria (org.). **Ensino de língua portuguesa**: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2011.
- [17] FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O; AQUINO, Zilda Gbaspar de Oliveira. **Oralidade e Escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 6º ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- [18] KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- [19] XAVIER, Antônio Carlos & MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais em uso na internet**: novas formas de interação pela linguagem. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- [20] MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (Org). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- [21] MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo; Parábola Editorial, 2008.
- [22] ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline M. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- [23] BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília: 1997.
- [24] BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- [25] ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 1999.
- [26] CAFIERO, Delaine. RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena R. **Letramento e Leitura**: formando leitores críticos. Língua Portuguesa: ensino fundamental. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 200p. p. 85-106. (Coleção Explorando o Ensino).
- [27] KOCH, Ingedore. **Inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.
- [28] FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.
- [29] THIOLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 17. ed. São Paulo/SP: Cortez, 2009.

Agradecimentos

Às escolas municipais de Sumé-PB: Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Paulo Roberto de Oliveira e Escola Unidade Municipal de Ensino Fundamental Presidente Vargas pela recepção, pelo suporte e colaboração no desenvolvimento das atividades.

À UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 003/2022 PROBEX/UFCG.

A toda a equipe do Projeto, principalmente, às Bolsistas e Voluntárias pelo protagonismo nas ações.